

O ACONSELHAMENTO BÍBLICO E A QUESTÃO DO INCONSCIENTE

Eurípedes Pereira de Brito¹

RESUMO

Haveria, para os conselheiros bíblicos, uma mente inconsciente? Em que sentido aqueles que trabalham com aconselhamento no contexto da igreja concordam e discordam da perspectiva secular sobre o inconsciente? Podemos falar de memórias dolorosas do passado, que permanecem no nível do inconsciente afetando a vida do aconselhando no presente? Jay Adams e vários conselheiros bíblicos da primeira geração davam pouco valor à necessidade de se verificar o histórico da pessoa, na batalha que enfrentaram contra os exageros da Psicanálise, e, assim, generalizaram, rejeitando toda tentativa de se analisar situações dolorosas do passado, considerando-as como atitude reprovável. Diante do exposto, os objetivos dessa pesquisa são: 1. fazer uma breve apresentação e análise crítica da perspectiva da Psicanálise sobre o inconsciente; e 2. verificar a relação das Escrituras com o tema do inconsciente nos estudos teológicos atuais.

Palavras-chave: Teologia. Aconselhamento bíblico. Inconsciente. Memórias dolorosas.

ABSTRACT

Was there, for biblical counselors, an unconscious mind? In what sense do those who work with counseling in the context of the church agree and disagree with the secular perspective on the unconscious? Can we speak of painful memories from the past, which remain at the level of the unconscious affecting the life of the counselor in the present? Jay Adams and several biblical counselors of the first generation gave little value to the need to verify the person's history, in the battle they faced against the exaggerations of Psychoanalysis, they generalized, rejecting any attempt to analyze painful situations of the past, considering it as a reprehensible attitude. Given the above, the objectives of this research are: 1. to make a brief presentation and critical analysis of the perspective of Psychoanalysis on the unconscious; 2. check the relationship of Scripture to the theme of the unconscious in current theological studies.

Keywords: Theology. Biblical counseling. Unconscious. Painful memories.

¹ Eurípedes Pereira de Brito é doutor em Teologia com ênfase em Aconselhamento Pastoral pela Escola Superior de Teologia da Igreja de Confissão Luterana no Brasil. É coordenador do Curso de Graduação em Teologia da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB), e professor na área de Teologia Prática na FASSEB e no Seminário Presbiteriano do Brasil Central, ambos em Goiânia. Exerce o ministério pastoral na Igreja Presbiteriana Esperança em Goiânia. E-mail: euripedesbrito@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Questões relacionadas ao tema da mente inconsciente já eram levantadas e discutidas bem antes de Freud², no entanto, é a partir dos seus trabalhos que se percebe uma influência marcante do conceito inconsciente, não somente na Psicologia, mas amplamente no pensamento do mundo ocidental. Algumas questões importantes que desafiam a presente pesquisa sobre o Aconselhamento Bíblico e o inconsciente são: haveria, para os conselheiros bíblicos, uma mente inconsciente? Em que sentido, aqueles que trabalham com aconselhamento no contexto da igreja concordam e discordam da perspectiva secular sobre o inconsciente? Podemos falar de memórias dolorosas do passado, que permanecem no nível do inconsciente afetando a vida do aconselhando no presente? Estes são os principais questionamentos que essa pesquisa procura examinar.

Jay Adams e vários conselheiros bíblicos da primeira geração davam pouco valor à necessidade de se verificar o histórico da pessoa³, na batalha que enfrentaram contra os exageros da Psicanálise, e, assim, generalizaram, rejeitando toda tentativa de se analisar situações dolorosas do passado, considerando como atitude reprovável.

Este é o ponto crucial da questão. As pessoas já não se consideram responsáveis pelos erros que cometem. Dizem que seus problemas são alógenos (gerados doutrem) e não autógenos (gerados em si mesmos). Em vez de assumirem responsabilidade pessoal por sua conduta, culpam a sociedade. [...] Outros culpam especificamente a avó, a mãe, a igreja, o mestre-escola ou algum outro indivíduo específico, por suas ações. A psicanálise freudiana acabou virando uma expedição arqueológica rumo ao passado em que se dá busca a

² Ellenberger, H. F. (1970). *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. USA: Basic Books. (A descoberta do inconsciente: a história e evolução da dinâmica da psiquiatria). Dentre os diversos pensadores que receberam destaque especial no tocante ao conceito de inconsciente, Ellenberger aponta a figura de Carl Gustav Carus (1789-1869), médico e pintor, talvez o primeiro grande sistematizador do conceito de inconsciente. (1970, p. 270).

³ Os conselheiros bíblicos da primeira geração, são aqueles primeiros discípulos de Jay Adams, que exerciam o Aconselhamento Noutético. Jay Adams tem uma contribuição inquestionável ao trazer para o movimento de aconselhamento bíblico, a necessidade de se lidar com a questão do pecado por meio de confrontação amorosa no aconselhamento e o fato de assumir a suficiência das Escrituras para lidar com as questões do aconselhamento no contexto da igreja. Na nossa perspectiva, apenas destacamos diferentemente de seu pensamento, a necessidade de se verificar, por meio de análise da história de vida das pessoas, aqueles casos muito específicos em que de fato se verifique possíveis constatações de situações do passado nas quais as pessoas se tornaram vítimas reais de situações indesejáveis, tendo, possivelmente feridas abertas em sua personalidade, carentes de serem descobertas e tratadas pelo aconselhamento bíblico.

outros sobre quem lançar a responsabilidade pelo comportamento do paciente. A idéia (*sic*) básica consiste em descobrir como é que os outros o danificaram. (ADAMS, 2015, p. 24)

Essa resistência de Jay Adams à Psicanálise, justifica-se pela super valorização do passado e das tendências de negação da culpa pessoal na própria prática da psicanálise, isso faz com que as pessoas, muitas vezes, se coloquem apenas como vítimas em meio aos conflitos, e não como seres responsáveis. As terapias psicanalíticas que passaram a dominar o cenário tinham a tendência de fazer essa expedição arqueológica rumo ao passado, observado por Adams, buscando em quem lançar a culpa por seus problemas. Reconhecemos que, de fato, este é o centro da teoria de Freud, que, considerava como causa dos problemas que as pessoas trazem para a terapia, as necessidades libidinosas não satisfeitas da primeira infância. Assim, observamos possivelmente dois extremos: a generalização da Psicanálise de colocar a causa dos problemas como sendo alógena (provocada por outrem), e a generalização de Adams, no outro extremo, de não considerar aqueles casos reais em que as pessoas foram vítimas no passado trazendo feridas abertas no presente, exigindo-se cuidado pastoral específico.

Recentemente o conselheiro bíblico Craig Rowe⁴, em uma entrevista oferecida ao ACBC (Association of Certified Biblical Counselors), reafirmou essa postura de Jay Adams. Respondendo a perguntas relacionadas ao Aconselhamento Bíblico e o inconsciente freudiano, Rowe critica, como fez Adams, duramente as tendências da Psicanálise de negar a responsabilidade das pessoas diante dos seus problemas ao assumir que elas são apenas vítimas de alguma situação indesejável do passado, onde as dores sofridas foram transferidas para o inconsciente. Rowe insiste que o aconselhamento bíblico não pode negligenciar o fato de que o ser humano é responsável por suas atitudes e não pode jogar a culpa dos seus problemas no seu passado, como uma vítima indefesa.

Marcos 7 diz que o pecado vem do coração. Provérbios 4:23 diz para guardar o seu coração cuidadosamente, pois dele fluem as fontes da vida. Somos responsáveis pelo nosso pecado, somos responsáveis

⁴ Craig Rowe está aposentado do ministério de tempo integral, mas ainda continua a ensinar em várias funções - uma delas como professor adjunto no Montana Bible College. Ele pastoreou por 33 anos e aconselhou no Centro de Aconselhamento Bíblico em Arlington Heights, Illinois, por muitos anos. Ele recebeu o título de Mestre em Divindade e Doutorado em Ministério em Aconselhamento do Westminster Theological Seminary na Filadélfia, Pensilvânia.

pelo que sai do nosso coração. Freud ensinou que o verdadeiro você é o seu inconsciente. Seu inconsciente é o que o direciona. Sua vida é simplesmente uma manifestação do que está acontecendo por baixo da superfície, mas você não sabe o que está acontecendo por baixo. Na verdade, você não pode ter certeza do que foi reprimido lá, simplesmente porque é o inconsciente. [...] assinale os conceitos bíblicos: fé, arrependimento. A Escritura não fala sobre o ego, o id e o superego. Fala sobre a consciência. Fala sobre responsabilidade pessoal. Fala sobre o homem depravado. (ROWE, 2020, s./p.).

Contudo, à semelhança de Adams, ele também, parece generalizar, e, assim, não reconhece que haveria alguns casos específicos nos quais as pessoas teriam reais feridas abertas com as quais não sabem lidar, afetando sua vida no presente, tendo sido vítimas de situações indesejáveis no passado. Dessa forma, não verificamos, na entrevista de Rowe, qualquer espaço para a reflexão sobre as situações reais nas quais as pessoas foram vítimas e trazem consigo feridas abertas, guardadas no fundo do seu ser, não sabendo interpretá-las nem como lidar com o processo, e, desse modo, tornando a situação muito dolorosa para si, bem como afetando sua vida no presente. Os conselheiros bíblicos deveriam apenas afirmar que essas pessoas são seres responsáveis?

Por outro lado, os conselheiros bíblicos da segunda geração, procuram fazer uma leitura e análise mais ampla da situação das pessoas que procuram o aconselhamento. Mack (2016, p. 155), dentre outros aspectos importantes, nos ensina a fazer um levantamento de informações sobre a vida do aconselhando, que envolve, dentre outros aspectos, a busca por um histórico de vida amplo do aconselhando para desenvolver o aconselhamento bíblico. Da mesma forma, estes conselheiros indicam haver importância em se verificar as situações reais nas quais as pessoas foram vítimas no passado, o que faz com que, possivelmente, venham para o aconselhamento trazendo grandes feridas abertas que exigem o cuidado pastoral de forma amorosa, consistente e profunda.

Diante disso, apresentamos os objetivos da nossa pesquisa: 1. fazer uma breve apresentação e análise crítica da perspectiva da Psicanálise sobre o inconsciente; e 2. verificar a relação das Escrituras com o tema do inconsciente.

O método de pesquisa utilizado neste trabalho será o da pesquisa bibliográfica, exegética, hermenêutica e teológica.

2 A PSICANÁLISE E O INCONSCIENTE

A teoria do inconsciente não surgiu com Freud. Contudo, ele foi quem fez uma maior estruturação do termo e o tornou conhecido de forma ampla na sociedade. Para a Psicanálise, o comportamento humano é determinado, em grande parte, pelos impulsos inconscientes e instintivos. Verificamos duas principais hipóteses na Psicanálise: o princípio do determinismo psíquico e a ênfase em relação aos processos inconscientes dominando a vida das pessoas.

Duas dessas hipóteses fundamentais, que foram copiosamente confirmadas, são o princípio do determinismo psíquico, ou da causalidade, e a proposição de que a consciência é antes um atributo excepcional do que um atributo comum dos processos psíquicos. Para expressar esta última afirmação em palavras algo diferente, podemos dizer que, de acordo com a teoria psicanalítica, os processos mentais inconscientes são de grande frequência (*sic*) e significado no funcionamento mental normal, bem como no anormal. (BRENNER 1987, p. 17)

A estrutura do aparelho psíquico, segundo a teoria psicanalítica, envolve três “sistemas ou instâncias psíquicas: inconsciente, pré-consciente e consciente.” (BOCK *et. al.*, 2008, p. 49). Como podemos observar, nessa teoria o inconsciente é o centro das atenções, e domina a vida do ser humano. Veja como se constitui o inconsciente freudiano:

É constituído por conteúdos reprimidos, que não têm acesso aos sistemas pré-consciente/consciente, pela ação de censuras internas. Esses conteúdos podem ter sido conscientes, em algum momento, e terem sido reprimidos, isto é, ‘foram’ para o inconsciente, ou podem ser genuinamente inconscientes. O inconsciente é um sistema do aparelho psíquico regido por leis próprias de funcionamento. Por exemplo, é atemporal, não existem as noções de passado e presente. (BOCK *et. al.*, 2008, p. 49).

Quando os conteúdos são reprimidos, principalmente na fase da infância, na perspectiva de Freud, eles são transferidos, portanto, da consciente para o inconsciente, e por estarem ligados biologicamente ao indivíduo, procuram uma forma de manifestação através de sonhos, maneirismos, sintomas neuróticos, lapsos de memória e erros de linguagem, ou ainda através de comportamentos socialmente aceitáveis. Falando sobre o sintoma, Bock *et. al.* (2008, p. 49) afirma que “O sintoma,

ao mesmo tempo em que sinaliza, busca encobrir um conflito, substituir a satisfação dos desejos. Ele é ou pode ser o ponto de partida da investigação psicanalítica.

Freud remodelou a teoria do aparelho psíquico quando criou e acrescentou os conceitos de id, ego e superego, como uma estruturação da personalidade humana. O inconsciente estaria diretamente ligado ao id, que é a parte da psiquê que consiste em instintos biológicos, sendo regida pelo prazer. (BOCK *et. al.*, 2008, p. 51). O id é exigente, egoísta e carente. O ego é a parte psicológica de uma personalidade que é governada pela realidade, sendo encarregado de controlar o id e fornece racionalidade e inteligência à personalidade. Contudo, visto que as questões do inconsciente movem as pessoas em suas atitudes e escolhas, no fundo são controladas, de alguma forma, pelo id e não pelo ego.

Por uma imposição e internalização de valores dos pais e da sociedade se forma o superego que é o aspecto moral da personalidade. Por meio das imposições do superego, seres humanos buscam a perfeição e abrigam as emoções de orgulho e culpa. Freud falou da energia psíquica sendo compartilhada entre os três aspectos da personalidade; o comportamento humano é o resultado de como essa energia é compartilhada. (FADIMAN; FRAGER, 1986, p. 10, 11).

As respostas automáticas da vida são controladas pelo inconsciente, sendo assim a verdadeira raiz das neuroses que são identificadas no processo clínico. A terapia tem como objetivo trazer as questões do inconsciente para o nível consciente e tentar fortalecer o ego para que a personalidade possa se basear na realidade.

O objetivo da psicanálise é liberar materiais inconscientes antes inacessíveis, de modo que se possa lidar com eles conscientemente. Freud acreditava que o material inconsciente permanecia inconsciente apenas através de um consumo considerável de libido. À medida que esse material tornar-se acessível, a energia é liberada e pode ser usada pelo ego para atividades mais saudáveis. (FADIMAN; FRAGER, 1986, p. 16).

2.1 ANÁLISE CRÍTICA

Craig Rowe (2020), citado na introdução dessa pesquisa, observa de forma crítica que houve algumas mudanças trazidas por Freud, que influenciaram vários conselheiros cristãos em sua prática de aconselhamento na história, fazendo com que

o aconselhamento oferecido por grande parte das igrejas se tornasse um aconselhamento psicologizado.

Uma das principais mudanças que ele trouxe no aconselhamento foi que, para Freud, o aconselhamento não envolvia um relacionamento com outra pessoa ou com Deus. O aconselhamento envolveu a relação entre o id, superego e ego em seu inconsciente, ou a relação entre seu inconsciente e o consciente. [...] Outra mudança que ele trouxe ocorreu porque ele acreditava que você não está ciente do que está no inconsciente. O conceito de responsabilidade pessoal foi apagado. As pessoas costumavam falar sobre pecado, fé, arrependimento e redenção - nada disso era relevante para Freud. A única coisa relevante era o que se passava na sua cabeça. Quanto à autoridade, onde os conselheiros bíblicos se voltariam para as Escrituras e Deus como sua autoridade final, a autoridade final para alguém que está sendo aconselhado por um conselheiro freudiano é o conselheiro, o terapeuta. (ROWE, 2020, s./p.).

Em nossa análise da situação, como já temos dito, concordamos com Adams e Rowe que ao abraçarem a perspectiva do inconsciente de acordo com a compreensão da Psicanálise, vários conselheiros cristãos trouxeram consideráveis danos para o aconselhamento oferecido no contexto das igrejas. Mas, é preciso ir além, e verificar se as Escrituras realmente não tratam de nada relacionado ao inconsciente, ou às pessoas que sofrem no presente por terem questões guardadas no profundo do seu ser, feridas abertas, não tratadas, por agressões, abandonos, traições, e outros processos do passado que fizeram delas verdadeiras vítimas, carentes de cuidados pastorais. Tudo isso nos conduz a uma busca pela compreensão bíblica e teológica da relação das Escrituras e o inconsciente.

3 EM BUSCA DE UMA VISÃO BÍBLICA DO INCONSCIENTE

No contexto cristão em geral, temos duas correntes principais em relação àqueles que discutem e praticam o aconselhamento. Temos a corrente que pode ser chamada de “conselheiros cristãos”, teóricos do aconselhamento que discutem e praticam o aconselhamento no contexto da igreja a partir de uma perspectiva integracionista, isto é, de uma integração entre pressupostos da psicologia secular com as verdades reveladas nas Escrituras; e temos outra corrente que é chamada de

“conselheiros bíblicos”, que rejeitam a proposta de integração de pressupostos da psicologia secular com as verdades reveladas nas Escrituras.

Os conselheiros bíblicos da atualidade estão, de forma geral, ligados aos estudos e à pessoa de Jay Adams que considerou necessário separar o aconselhamento oferecido pela igreja de pressupostos gerais da psicologia humanista⁵. Os conselheiros bíblicos consideram impossível integrar perspectivas seculares com a Palavra de Deus. No livro “Introdução ao Aconselhamento Bíblico”, David Powlison demonstra que há sete compromissos básicos dessa corrente de conselheiros. Em um desses compromissos eles afirmam.

O compromisso com Deus tem consequências epistemológicas. Em primeiro lugar: outras fontes de conhecimento devem ser submetidas à autoridade das Escrituras. As ciências, as experiências pessoais, a literatura e assim por diante, precisam ser úteis, mas não devem exercer função essencial no aconselhamento. Devemos questionar teorias e terapias seculares que procuram substituir a sabedoria bíblica e enganam as pessoas. Em segundo lugar: existe um conflito de conselho que foi inserido na vida humana. Gênesis 3, Salmo 1 e Jeremias 23 são paradigmáticos. Conselhos que contradigam o conselho divino têm existido desde o jardim do Éden, desafiando a sabedoria de Deus e se fundamentando em outras pressuposições e objetivos. Esse tipo de conselho enganoso precisa ser identificado e combatido. (POWLISON, 2016, p. 45).

Em relação a essa busca por uma compreensão bíblica do inconsciente vamos encontrar contribuições vindas das duas correntes, ainda que haja uma pesquisa muito pequena sobre o assunto no mundo cristão. No contexto brasileiro, temos o livro “Aconselhamento Bíblico Efetivo”, de autoria de Larry Crabb e o livro “Aconselhamento Redentivo”, de contribuição de Vadislav Martins Gomes, além de outros.

3.1 O INCONSCIENTE NA PERSPECTIVA DE LARRY CRABB

⁵ Adams compartilha no seu livro, “Conselheiro Capaz”, sua gratidão pela influência recebida do psicólogo Howbart Mowrer em termos de vários aspectos que aprendeu com ele em um curso breve. Contudo, ele afirma: “Permita-se-me acrescentar uma palavra final sobre Mowrer. Quero dizer com clareza, uma vez por todas, que não sou discípulo de Mowrer, nem de William Glasser - escritor da tradição de Mowrer que há pouco tempo obteve popularidade com a publicação de Reality Therapy (Terapia da Realidade), livro que, num contexto diferente, ratifica a controvérsia levantada por Mowrer. (1) Ando longe deles. Seus sistemas começam e terminam com o homem. Mowrer e Glasser deixam de levar em consideração a relação fundamental do homem com Deus mediante Jesus Cristo, negligenciam a lei de Deus e ignoram por completo o poder do Espírito Santo na regeneração e na santificação. O conjunto de pressupostos de sua posição deve ser rejeitado inteiramente.” (2015, p.15).

Crabb é um conselheiro cristão da corrente integracionista do aconselhamento oferecido pela igreja. Ele mesmo criou uma posição que chamou de “despojando os egípcios”, que seria uma tentativa de uma integração cautelosa da Psicologia com as verdades bíblicas⁶. (CRABB, 1985, p. 41). Na sua perspectiva, as psicologias seculares teriam uma riqueza a ser explorada pelos conselheiros bíblicos. No processo da exploração eles iriam “despojar os egípcios”, e iriam incorporar essas descobertas às verdades bíblicas da fé cristã. Crabb teve boa intensão, contudo não conseguiu abandonar o integracionismo. “Boas intenções não são cercas de proteção contra os efeitos noéticos do pecado nos sistemas de pensamento.” (POWLISON, 2015, p. 98).

No que diz respeito à compreensão da mente inconsciente, o tema aparece quando Crabb está analisando a estrutura da personalidade no seu livro “Aconselhamento Bíblico Efetivo” (1985). Crabb (1985, p. 82-84) compreende que o ser humano tem uma mente consciente e uma mente inconsciente. Em relação à mente inconsciente, na sua interpretação das Escrituras, ele destaca o termo grego *phronema* encontrado em alguns textos, nos quais, várias vezes, é compreendido como “mente”. No texto bíblico de Romanos 8:15, *phronema*, segundo Crabb, pode ser interpretado como sendo uma parte da personalidade que se desenvolve e mantém as suposições profundas. “Os que são da carne se preocupam das coisas da carne” (Rm 8:15). Para ele, as pessoas que assim agem, estariam agindo, na perspectiva da busca de coisas carnais que levariam à plena felicidade, e afirma: “Quero sugerir, a título de experiência, que este conceito corresponde de perto ao que os psicólogos denominam de “mente inconsciente” (CRABB, 1985, p. 83).

Diante disso, Crabb apresenta uma sugestão de definição de inconsciente, “como sendo o reservatório de suposições básicas que as pessoas mantêm firme e

⁶David Powlison faz a seguinte análise do integracionismo de Crabb. “Na verdade, de onde Crabb extrai as categorias que moldam o seu sistema? As Escrituras não trazem o conceito de Crabb sobre “anseios profundos/necessidade de relacionamento e impacto”, nem o Jesus que Crabb apresenta como vindo ao nosso encontro em primeiro lugar como um supridor de necessidades, nem sua análise reducionista da psique em quatro círculos - emocional, volitivo, racional e pessoal, nem mesmo sua distinção entre anseios casuais, críticos e cruciais, ou ainda sua definição de feminilidade e masculinidade ontológicas. Essas ideias são o carro-chefe e a característica distintiva do sistema de Crabb. Ao mesmo tempo são uma negação explícita dos alvos estabelecidos por Crabb. Elas são exegética e teologicamente insustentáveis. ‘Cada um fazia o que achava mais reto’. Boas intenções não são cercas de proteção contra os efeitos noéticos do pecado nos sistemas de pensamento.” (POWLISON, 2015, p. 98).

emocionalmente, sobre como suprir as suas necessidades de significado e segurança.” (CRABB, 1985, p. 83).

Vemos aqui, não apenas o conceito de Crabb (1985) em relação ao inconsciente humano e suas consequências na vida, mas o próprio centro de sua teoria em relação à sua proposta de aconselhamento cristão. Ele critica a cosmovisão das pessoas, afirmando que:

Cada um de nós foi programado em sua mente inconsciente a crer que a felicidade, o valor, o gozo - todas as coisas boas da vida – dependem de outra coisa que não Deus. A nossa carne (aquela disposição nata de se opor a Deus) responde com alegria ao ensinamento falso do mundo de que somos suficientes para nós mesmos, que podemos descobrir um caminho para atingir verdadeiro valor pessoal e harmonia social sem primeiro nos ajoelharmos à cruz de Cristo. Satanás tem estimulado o desenvolvimento duma crença de que poderia suprir nossa necessidade se apenas tivéssemos_____. (O espaço é preenchido de maneiras diferentes, de acordo com o temperamento particular da pessoa, e seu ambiente familiar e cultural). Um sistema mundial incrédulo, fortalecido por Satanás e apelando às-nossas naturezas carnis, tem nos moldado, fazendo-nos supor que algo que não seja Deus oferece realidade e realização pessoais. (CRABB, 1985 p. 84).

Para Crabb (1985), portanto, os seres humanos desenvolvem suposições equivocadas de como obter a satisfação das necessidades mais profundas da existência. Esse autor demonstra que as frases ditas por nós de forma consciente, afetam de forma consistente a maneira' como sentimos e aquilo que fazemos. Para ele, agora é possível ver de onde se originam essas afirmações. “O conteúdo das frases que dizemos em nossas mentes conscientes provém das suposições errôneas que mantemos em nosso inconsciente. Frequentemente não estamos cômnicos de nossa crença básica errada.” (CRABB, 1985, p. 84) Essas crenças básicas erradas, são os conceitos que aprendemos de como suprir as nossas necessidades.

Concordamos com o autor, em suas afirmações de que as crenças erradas que as pessoas desenvolvem em suas mentes, muitas vezes são crenças ímpias que determinam como as pessoas avaliam os fatos que ocorrem em seu próprio contexto histórico, e que essas avaliações, por sua vez, controlam os seus sentimentos e os seus comportamentos. No entanto, insistimos, que o problema se encontra em

centralizar o aconselhamento na busca de ajudar as pessoas encontrarem seu valor pessoal e a suprirem suas necessidades mais profundas perdidas no inconsciente⁷.

Da mesma forma, temos dificuldade com a interpretação exegética de Crabb (1985) sobre as “inclinações da carne” (Rm 8.15), como sendo questões inconscientes, e temos dificuldades em aceitar sua reflexão sobre o próprio inconsciente, pois está permeada por seus pressupostos integracionistas relacionados às questões das necessidades não supridas do ser humano, como base e fundamento para o aconselhamento, pois com isso ele negligencia o centro da preocupação bíblica em relação ao nosso relacionamento com Deus.

3.2 O INCONSCIENTE NA PERSPECTIVA DE WADISLAU MARTINS GOMES

Gomes faz parte da corrente do Aconselhamento Bíblico que, na atualidade, é formada por vários discípulos de Jay Adams, chamados de conselheiros bíblicos da segunda geração. Eles não abandonaram os pressupostos de Jay Adams, mas desenvolveram vários processos avançados na interpretação e aplicação do aconselhamento firmado nas Escrituras.

Uma breve análise sobre o inconsciente é apresentada por Wadislau Martins Gomes (2004) no seu livro “Aconselhamento Redentivo”. Essa análise faz parte de seu estudo sobre o inconsciente, quando trata da antropologia teológica, onde destaca que, em sua definição, o ser humano é uma unidade orgânica com diversidade funcional.

As afeições do coração encapsulam a mente, a emoção e a volição, mas de maneira dinâmica. Desse modo o processo de conhecimento e sua relação com as experiências interna e externa do indivíduo, serão considerados à luz da dinâmica e da fluidez características das coisas vivas. (GOMES, 2004, p. 36).

Gomes segue essa linha para tratar das motivações humanas, as quais são a matéria-prima do conteúdo pessoal do ser humano que direcionam os movimentos internos e externos do seu comportamento. São os aspectos primários que afetam o

⁷ David Powlison observa que: “A teoria de Crabb sobre necessidades [...] gira ao redor da experiência humana de anseios ou sofrimento. O coração necessitado, ferido, cheio de anseios do ‘círculo pessoal’ de Crabb tem prioridade sobre o pecado. A perspectiva bíblica a respeito do coração caminha em direção oposta: a vida gira em torno do nosso relacionamento com Deus ou com falsos deuses, não ao redor de necessidades idólatras sentidas por pecadores.” (2018, p. 98).

mais íntimo do ser, o “coração”. Os afetos do coração. Para ele, há afeições conscientes e inconscientes. No entanto, Gomes afirma que não endossa a teoria psicanalítica, em função de sua compreensão da proposição bíblica de que o ser humano é teo-referente e revelacionalmente conhecido. Contudo, ele propõe trazer para o seu argumento, os termos consciente e inconsciente, que caracterizam o modelo psicanalítico, mas afirma fazer isso a partir de outros fundamentos e de uma perspectiva bíblica como procurará demonstrar de forma hermenêutica e teológica. Primeiramente, ele toma o texto de Paulo aos coríntios, no qual o apóstolo trata sobre a efetividade da profecia:

Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo ou indouto, é ele por todos convencido e por todos julgado; tornam-se-lhes manifestos os segredos (gr. *Kruptos*, secreto, escondido) do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, no meio de vós (1Co 14.25).

Gomes compreende que Paulo destaca, dentre outros aspectos que também há segredos (aspectos escondidos) do coração a serem descobertos. Ele continua demonstrando que, em outro texto, a Escritura fala de segredos enganosos do coração, os quais podem ser inconscientes:

Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações. (Jr 17. 9,10).

Estes segredos enganosos, que poderiam ser inconscientes, para Gomes deveriam ser descobertos por pessoas usadas por Deus. Sobre a descoberta dos segredos do coração, ele toma como base para o seu argumento, o texto bíblico “Como águas profundas, são os propósitos do coração do homem, mas, o homem de inteligência sabe descobri-los” (Pv 20.5). Ele destaca que Freud observou, nos seus pacientes, que a “experiência passada”, muitas vezes, se mantinha inacessível à memória inconsciente. Essa perspectiva freudiana influenciou muitas correntes da Psicologia e linhas integracionistas do Aconselhamento Cristão. Gomes destaca diferentemente de outros, que,

Quanto ao nosso enfoque, o inconsciente não é um ‘departamento’ do ser, mas um estado de coração, quer afetado pela auto-estrutura do

corpo (afetos tácitos, fraquezas), quer pelo auto-engano, o qual se necessário for, poderá ser acessado, ainda que sob os efeitos noéticos do pecado, de modo substancial e efetivo pelo cristão movido pelo Espírito Santo. (1 Co 2.9-12) (GOMES, 2004, p. 38).

Como pudemos observar, Gomes faz questão de afirmar que, conquanto o termo inconsciente traz consigo uma profunda carga secular relacionada com a Psicanálise freudiana, ele propõe tratar desse tema polêmico a partir de categorias bíblicas. Com isso, Gomes traz grande contribuição para a compressão de aspectos desafiadores do aconselhamento, pois evita a repetição do erro de conselheiros integracionistas de trazer para o aconselhamento bíblico perspectivas seculares que acabam mais prejudicando do que contribuindo para uma ajuda eficiente e bíblica aos aconselhados. A partir dessa contribuição de Gomes podemos nos aproximar de algumas conclusões sobre as Escrituras e o inconsciente.

3.3 CONCLUSÕES SOBRE AS ESCRITURAS E O INCONSCIENTE

3.3.1 Não existe o termo inconsciente nas Escrituras

Acreditamos na necessidade de ter cuidado com nossas afirmações sobre o inconsciente, pois não há nas Escrituras uma palavra que possa ser traduzida por inconsciente. Concordamos com a aproximação compreendida por Gomes (2004), contudo, é preciso ter cuidado para não impormos conclusões sobre o texto bíblico. Gomes assume a existência do inconsciente e uma relação com os termos bíblicos, mas não ousou traduzir os termos bíblicos para “inconsciente”. Não devemos negligenciar o fato de que o termo inconsciente está profundamente afetado por tendências freudianas no mundo ocidental, sendo muito difícil tirar o termo do seu contexto cultural, filosófico e psicológico.

Dessa forma, portanto, aqueles que pretenderem utilizar o termo inconsciente no contexto do aconselhamento bíblico, com um significado próximo daquilo que encontramos nas Escrituras como “coração enganoso”, “escondido”, “em secreto”, como visto acima, sempre terão que explicar em que sentido o estamos tomando.

2.3.2 Há uma relação daquilo que a Bíblia chama de oculto ou secreto no coração com o termo inconsciente

Consideramos, contudo, de acordo com Gomes (2004), que há aspectos do termo inconsciente que estariam relacionados com os termos bíblicos. No texto destacado por ele do Salmo 90.8, “Diante de ti puseste as nossas iniquidades e, sob a luz do teu rosto, os nossos pecados “ocultos”, cujo hb. *‘alam*, pode ser traduzido por segredo, coisa secreta, escondida. Gomes pergunta se Moisés estaria falando de pecados inconscientes. Parece-nos que não; o texto parece indicar que são pecados que nós tentamos esconder de forma consciente de outras pessoas e de Deus. Gomes afirma que a Escritura, certamente, estaria se referindo a pecados inconscientes no texto de Salmo 19.12: “Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas”, cujo hb. *cathar*, pode ser traduzido por escondido, secreto. Este texto fala de faltas ocultas para o próprio salmista, o que nos leva a uma real aproximação da compreensão bíblica dos termos *alam* e *cathar* com o termo inconsciente. Concluímos, portanto, que podemos observar uma clara aproximação dos termos, “escondido”, “secreto” ou “oculto” da ideia do inconsciente, contudo, compreendemos que permanece a real dificuldade de se traduzir os termos bíblicos *alam* e *cathar* por inconsciente.

Precisamos compreender, como nos ajuda Gomes, que há um estado do coração, no qual há questões “escondidas”, ou em “segredo”, que se traduzem por negações, abandonos, negligências, agressões físicas e emocionais, feridas abertas, medos, tudo isso ligado ao coração enganoso (Jr 17.11); são questões que, possivelmente se encontrariam, muitas vezes, no profundo do ser, e que não precisam ser vistas como Freud as via como questões quase inacessíveis; antes, devemos ter um olhar bíblico para tudo isso, visto que as Escrituras afirmam: “Como águas profundas são os propósitos do coração, mas o homem de inteligência sabe descobri-los.” (Pv. 20.5). Gomes, de forma muito sábia, traz este texto para a reflexão sobre as questões guardadas no profundo do coração, e destaca, como já vimos, que com a sabedoria do Senhor e na dependência do Espírito Santo no processo do aconselhamento bíblico, as questões podem ser trazidas à tona, serem amorosamente confrontadas e tratadas.

Dessa forma, podemos concluir que algumas vezes, pessoas virão para o aconselhamento com questões escondidas no coração a um nível profundo, muitas vezes, não compreendidas por elas mesmas. Essas questões escondidas e não tratadas podem promover sérios prejuízos para a pessoa e devem ser trazidas à tona para serem tratadas, conforme promessa e esperança bíblica, evitando-se os

extremos, tanto o extremo de reforçar a dor das pessoas, transformando o aconselhamento bíblico em um processo psicologizado, como o de negar essa dor, tornando o aconselhamento bíblico como um processo de aconselhamento do pecado. Verifiquemos a importante advertência que se segue para evitarmos os extremos:

Alguns conselheiros, que se preocupam excessivamente com o passado, acreditam que de alguma forma tudo na vida atual do aconselhado está relacionado ao passado. Em decorrência disso, tendem a transferir a responsabilidade do aconselhado para aqueles que o maltrataram muito tempo atrás. Mas esta é uma tendência perigosa e precisa ser evitada. No entanto, tão pouco devemos ignorar o passado, pois o que aconteceu no passado afeta nossos aconselhados, especialmente se envolve padrões de pecado ou de alguma forma lhes serve como desculpa para culpar outros por seus problemas. (MACK, 2016, p. 155)

No aconselhamento bíblico, por exemplo, lidamos com situações de vitimação real, em que as pessoas trazem feridas abertas, não tratadas, que estão afetando a sua vida na atualidade. Às vezes há uma falta oculta pelo fato de que haveria uma amargura diante de uma violência recebida de outrem. Edward Welch (2015, p. 14-39) traz uma excelente contribuição sobre a teologia do sofrimento na qual observa que há várias fontes de onde vem o sofrimento: o sofrimento, segundo as Escrituras, pode vir do próprio Deus, o sofrimento pode vir de nossas próprias atitudes e escolhas, o sofrimento vem pelo pecado de Adão, o sofrimento vem pelos pecados que outros cometem contra nós, e o sofrimento vem por meio das ações de Satanás. Destaquemos a reflexão de Welch quando ele trata do sofrimento tendo sua origem em outras pessoas:

Um rei governa pela força, um marido abandona a esposa pela secretária, uma esposa atinge seu marido verbalmente, uma criança é morta por um motorista bêbado e uma mulher é estuprada por alguém em quem ela confiava. Pessoas pecam contra nós, e isso dói profundamente. Desta forma, quando uma mulher vitimada pergunta 'por quê?', você pode dar à pergunta um tom de 'de onde' e responder 'devido à maldade de seu pai'. Talvez a pergunta daquela mulher seja: 'Por que Deus permite isso?', mas a resposta ainda é 'Foi seu pai quem fez isso, devido ao pecado dele'. Com certeza, esta resposta bastante óbvia não lida com todos os mistérios que circundam o problema da dor, mas é uma resposta importante. Muitos sofredores levantam-se contra Deus ou contra si mesmos, e ignoram o óbvio. Esta resposta, então, oferece encorajamento porque diz claramente à

vítima que a causa de seu sofrimento é outra pessoa, e não ela mesma. (WELCH, 2015, p. 18).

Reconhecemos nessa pesquisa, portanto, que um dos aspectos mais desafiadores para o aconselhamento bíblico, é lidar com as questões das feridas adquiridas por pessoas que sofreram vitimação no passado, e que, de alguma forma, poderiam ter ficado alguns resquícios do sofrimento no nível secreto do coração, sem um tratamento adequado dessa dor. No mínimo temos que admitir que há questões não tratadas no nível secreto, questões conflituosas difíceis de lidar e que preferivelmente são mantidas nas profundezas. Essa questão das faltas cometidas contra nós no passado no contexto do aconselhamento bíblico, foi um assunto bastante negligenciado em anos anteriores, contudo os conselheiros bíblicos lidam de frente com essa situação e nos desafiam a encarar o passado dos aconselhados a partir de uma perspectiva bíblica.

Portanto, não devemos nos precipitar e assumir as conclusões semelhantes às do mundo secular, principalmente da corrente psicanalista que vê o ser humano como uma vítima do passado, incapaz de responder por seus atos. Contudo, a negligência de se verificar as situações reais do passado e suas implicações nas situações presentes precisa ser abandonada. (VIARS, 2012).

Ou seja, admite-se que abandonos, agressões, traições e violência, que desenvolveram contra nós no passado, podem nos causar dores que permanecem até hoje, e algumas delas poderiam estar nesse nível mais profundo e conflituoso da existência (Pv 5.20). Isso é uma constatação bíblica, não freudiana, e que exige uma perspectiva bíblica para lidar com a situação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstramos na introdução, existem algumas perguntas sobre a relação das Escrituras Sagradas e a questão do inconsciente, pouco refletidas no espaço acadêmico teológico. Diante das perguntas levantadas, o presente artigo procurou responder a dois objetivos básicos: fazer uma breve apresentação e análise crítica da perspectiva da Psicanálise sobre o inconsciente, e verificar a relação das Escrituras com o tema do inconsciente.

Consideramos importante reconhecer as tentativas de Freud de lidar com as questões mais profundas do ser humano. Ao expandir o conceito do inconsciente e

ligá-lo ao aspecto da estrutura da personalidade que ele chamou de id, concluiu que as respostas automáticas da vida são controladas pelo inconsciente sendo a verdadeira raiz das neuroses que são identificadas no processo clínico. Como observou David Powlison em uma palestra ministrada na Universidade Mackenzie, em São Paulo, no seu V Congresso Internacional de Ética e Cidadania, com o tema: Cristianismo e Psicologia (29 a 31 de agosto de 2011). Para Powlison, Freud teria sido aquele que procurou descer aos níveis mais profundos dos problemas humanos, contudo ele rejeitou a existência de Deus e sua graça, bem como a realidade do pecado e suas nefastas consequências. Dessa forma, em sua busca Freud foi apenas até um nível que ainda ficou muito distante da realidade, considerando a revelação bíblica sobre o ser humano, sua identidade, as origens dos seus conflitos, e as possibilidades da graça restauradora⁸.

Diante disso, vimos que há uma tendência equivocada de se colocar as dores do passado, como estando, geralmente, extremamente difíceis de serem trazidas para o consciente. Outra questão que questionamos, que persiste na influência da perspectiva de Freud sobre o inconsciente, no aconselhamento oferecido na igreja, é ênfase de se ver as pessoas como vítimas do passado, negligenciando-se a questão da responsabilidade pessoal.

Na busca de nossos objetivos, vimos o trabalho de Larry Crabb, que procurou aproximar-se das Escrituras em busca de uma compreensão do inconsciente a partir de uma perspectiva bíblica; contudo, ainda que tenha se aproximado de uma compreensão bíblica do assunto, ele insiste em uma perspectiva integracionista, na qual coloca as questões do inconsciente como necessidades humanas que precisam ser supridas. Como demonstramos, o centro do Aconselhamento Bíblico não pode ser as necessidades dos seres humanos e, sim, o seu relacionamento com o Senhor.

Verificamos, também, a contribuição de Gomes, conselheiro bíblico que se posiciona favoravelmente a uma visão de que poderíamos assumir que o ser humano tem uma mente inconsciente. Gomes procura demonstrar que seu posicionamento encontra base nas Escrituras, quando interpreta os termos bíblicos “secreto”, “escondido”, “coração enganoso”, como possíveis sinônimos de inconsciente. Em sua

⁸ Resumo de parte da palestra de David Powlison, parafraseada pelo autor do artigo.

perspectiva vimos que sua proposta está distante de vários aspectos da perspectiva freudiana.

Dessa forma apresentamos uma análise conclusiva da relação entre as Escrituras Sagradas e a questão do inconsciente, demonstrando que precisamos compreender que, ainda que tenhamos dificuldades de colocar os termos bíblicos como sinônimos de inconsciente, não podemos negar que há um estado do coração, no qual há questões “escondidas”, ou em “segredo” a tal ponto de o próprio Deus afirmar que só ele pode sondar os corações enganosos. (Jr 17.10,11).

Estas questões do coração, muitas vezes serão encontradas no lugar profundo da existência humana, ainda que não precisam ser vistas como Freud as via, como questões quase inacessíveis; antes, deveríamos ter um olhar bíblico para tudo isso, visto que as Escrituras prometem que estas questões podem e devem ser descobertas. (Pv 20.5). Como foi demonstrado, no processo do aconselhamento bíblico, com a sabedoria do Senhor e na dependência do Espírito Santo, as questões podem ser trazidas à tona, serem amorosamente confrontadas e tratadas com a perspectiva teológica do ser humano como sendo responsável diante do Senhor, mesmo quando foi uma vítima no passado.

Concluimos, portanto, observando que, algumas vezes, em casos e situações muito específicas, pessoas virão para o aconselhamento com questões escondidas no coração a um nível profundo. Os conselheiros bíblicos precisam compreender que essas questões escondidas e não tratadas podem promover sérios prejuízos para a pessoa e devem ser trazidas à tona para serem tratadas, conforme promessa e esperança bíblicas, evitando-se os extremos, tanto o de reforçar a dor das pessoas, transformando o aconselhamento bíblico em um processo psicologizado, como o de negar a dor das pessoas, tornando o aconselhamento bíblico, como um processo de aconselhamento do pecado.

Nossa proposta é continuar essa reflexão em outro artigo, no qual buscaremos destacar a ênfase do cuidado pastoral diante de questões que estão no profundo da existência, em segredo, causando dores e conflitos na vida dos aconselhados, sem cair no processo de psicologização do Aconselhamento Bíblico.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Jay. **O conselheiro capaz**. São Paulo: ABCB; Fiel, 2015.

BOCK, A. M. B. *et al.* **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

CRABB, Larry. **Aconselhamento bíblico efetivo**. Brasília, DF: Refúgio, 1985.

ELLENBERGER, H. F. **The discovery of the unconscious**: the history and evolution of dynamic psychiatry. USA: Basic Books, 1970. Disponível em: <https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=+The+discovery+of+the+unconscious:+the+history+and+evolution+of+dynamic+psychiatry&author=Ellenberger+H.+F.&publication_year=1970>. Acesso em: 20 out. 2020.

FADIMAN, J.; FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. Tradução de Camila Pedral Sampaio e Sybil Safdié. São Paulo: Harbra, 1986.

GOMES, Wadislau Martins. **Aconselhamento redentivo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MACK, Wayne. Fazendo um inventário do aconselhado: coleta de informações. *In*: MACARTHUR JR. John; MACK, Wayne. **Introdução ao aconselhamento bíblico**. São Paulo: Tomas Nelson Brasil, 2016.

POWLISON, David. Aconselhamento bíblico em tempos recentes. *In*: MACARTHUR JR. John; MACK, Wayne. **Introdução ao aconselhamento bíblico**. São Paulo: Tomas Nelson Brasil, 2016.

POWLISON, David. Cristianismo e Psicologia. *In*: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE ÉTICA E CIDADANIA DA UNIVERSIDADE MACKENZIE. **Palestra**. São Paulo, Universidade Mackenzie, 29-31 ago. 2011.

POWLISON, David. Crítica aos integracionistas atuais. **Coletânea do Aconselhamento Bíblico**, São Paulo, v. 1. p. 98, 2015. São Paulo: SBPV, 2015.

ROWE, Craig. **Biblical Counseling**: what about the unconscious. Disponível em: <<https://biblicalcounseling.com/what-about-the-unconscious/>>. Acesso em: 19 out. 2020.

VIARS, Stephen. **Colocando o seu passado no devido lugar**: seguindo em frente em plena liberdade e completo perdão. São Paulo: Nutra, 2012.

WELCH, Edward. Exaltar a Dor? Ignorar a Dor? O que fazer com o sofrimento? **Coletânea de Aconselhamento Bíblico**, São Paulo, v. 1, p. 14-39, 2015. São Paulo: SBPV, 2015. 173 p.